

“CONTA MAIS UMA, LUDIBUS!” O TRABALHO COM A LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA (0 A 10 ANOS) DESENVOLVIDO PELO PROJETO LUDIBUS DA FFC/UNESP. Ana Paula Cordeiro (Departamento de Didática- FFC/UNESP); Reginaldo Tomé de Araújo (FFC/UNESP); Priscilla Gonçalves de Souza (FFC/UNESP); Anderson Oliveira (FFC/UNESP); Polyana Gatto (FFC/UNESP). Eixo Temático 3: Projetos e Práticas de Formação de Professores. PROEX e Núcleo de Ensino.

Introdução

Sobrevoar o universo literário, não só pelo manuseio de um livro, mas também pela viagem, atracado à cauda de uma história contada, pela conversa ou pelos jogos rítmicos que ela propõe, faz com que o leitor se sinta protagonista de seu aprendizado. Um bom livro ou mesmo uma boa história pode nos deixar marcas para a vida toda. O livro traz o conhecimento do homem, das coisas, da natureza e, além de auxiliar na aprendizagem do mundo, forma o leitor no gosto. A formação do gosto e o exercício de escolhas são coisas fundamentais em nossas vidas por promoverem o desenvolvimento de nossa personalidade e exigirem a criação do entrosamento entre a teoria e a prática, entre o universo estético e o universo real. É desde a mais tenra infância que bons leitores podem ser formados. Muitas escolas públicas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental possuem bons projetos e trabalhos voltados para o incentivo à leitura. Há também muitos equívocos relacionados ao trabalho com Literatura Infantil nas escolas, como tentativas de obrigar a criança a ler determinadas obras em detrimento de outras; há bibliotecas pouco utilizadas nas escolas e outros tantos problemas que impedem que as crianças fruam uma boa leitura. Nosso objetivo neste texto é o de apresentar, desta forma, o trabalho realizado em escolas públicas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental pelo Projeto LUDIBUS no campo da Literatura infantil.

O Projeto Ludibus compõe o programa de Extensão Universitária da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no Campus de Marília – SP. Ele também está ligado ao Núcleo de Ensino de Marília e desenvolve seu trabalho em escolas públicas de Ensino Fundamental, em instituições assistenciais de ensino e em Escolas

Municipais de Educação Infantil do município. O Ludibus é um ônibus equipado e adequado para o desenvolvimento de atividades nas áreas de Artes, Ludicidade (jogos e brincadeiras) e Literatura Infantil, levando às instituições parceiras experiências pedagógicas nessas áreas, evidenciando a sua importância para a formação integral dos alunos.

Nos anos de 2007 e 2008 o Projeto LUDIBUS direcionou seu trabalho prioritariamente para atividades ligadas à Literatura Infantil e à arte de contar histórias. A partir das atividades relacionadas à Literatura Infantil, houve a manifestação de outras formas de artes, como as cênicas e visuais. O elemento lúdico permeou todo este trabalho realizado pela coordenadora do projeto e equipe. Brincadeiras, jogos, músicas e dramatizações entrelaçaram-se às muitas histórias contadas. Nas reuniões desenvolvidas o tema Literatura Infantil foi privilegiado por meio de estudos, oficinas e propostas de atividades.

Esta proposta de trabalho almeja integrar as três funções básicas da Universidade, quais sejam: ensino, pesquisa e extensão. Para isso, a equipe de graduandos dos diversos cursos da FFC, bolsistas e voluntários junto ao Projeto LUDIBUS promove reuniões semanais, nas quais são realizadas pesquisas, estudos, planejamento de atividades, elaboração de materiais e discussões sobre como avaliar, organizar e implementar as ações nas escolas. Nessas reuniões há trocas de experiências que foram adquiridas ao longo do desenvolvimento do projeto, que fomentam a produção e a divulgação dos conhecimentos, contribuem para a formação contínua dos professores da rede pública de ensino e permitem, aos graduandos, a relação entre a teoria aprendida nos cursos e as práticas escolares.

Em relação às parcerias desenvolvidas, no ano de 2007, o Projeto Ludibus foi convidado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Nivando Mariano dos Santos” para, em consonância com seu projeto interno – EDUCARTE – criar momentos líricos que fomentassem nas crianças a curiosidade e o desejo pelos livros e pelas narrativas populares, clássicas e contemporâneas. No ano de 2008 estabelecemos parcerias com três instituições do município de Marília: com a EMFEI (Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil) “Chico Xavier”, com a EMEI “Sítio do Pica Pau Amarelo” e com o SEAMA (Serviço de Atendimento ao Menor Adolescente) - Casa do Pequeno Cidadão II, instituição educacional e assistencial mantida pelos Irmãos do Sagrado Coração em parceria com a

Prefeitura Municipal por meio das Secretarias da Educação e a do Bem Estar Social.

1- Pressupostos teóricos: Literatura Infantil

Os livros de literatura infantil, com suas histórias e contos, nos instigam a imaginar paisagens: estradas distantes e desertas, bosques misteriosos com seus pinheiros seculares, casas de chocolates, árvores que ao invés de frutos dão confeitos, castelos sombrios cheios de roseiras e seus espinhos mortais, grandes e pequenas cidades, pontes, lagos encantados, rios e mares cheios de perigos e mistérios. Personagens, ah, as personagens: avós carinhosas, meninas e meninos descobrindo o mundo, lobos ferozes, ogros, faunos, fadas, peixes encantados, sapos que viram príncipes, a filha do dono de uma hospedaria de estrada, heróis, covardes, homens cruéis, pássaros falantes, gente encantada, desencantada, comum, angustiada e aquelas pessoas que nos contos e só neles, conseguem *viver felizes para sempre*.

Por meio da Literatura Infantil a criança pode desenvolver a imaginação, conhecer melhor o mundo que a cerca e adquirir um pensamento mais autônomo, crítico e emancipatório. A afirmação de que a literatura infantil contribui para a emancipação da criança não nega, contudo, o seu contrário, pois a valorização da infância através da literatura infantil também foi e é usada como meio de manipulação de suas emoções. Assim, a literatura infantil ideologicamente orientada e a escola serviram durante muito tempo para cumprir essa missão. Segundo Zilberman (2003), os primeiros livros infantis foram produzidos no final dos séculos XVII e XVIII servindo, enquanto invento, para educar as crianças que passaram a freqüentar a instituição escolar tal qual a entendemos nos dias de hoje. Em seus primórdios, a literatura infantil surge com o objetivo bem específico de ser usada na educação das crianças nas escolas.

Sintoma disso é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença do objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança. (ZILBERMAN,

2003, p. 16).

Tais fatos tornam problemáticas as relações entre a literatura e o ensino. Primeiro porque a orientação de ordem prática, de formação e adequação moral e normativa da criança à sociedade, prejudica o tratamento da literatura infantil enquanto arte. E a negação completa da literatura destinada às crianças prejudica nelas o desenvolvimento do gosto pela leitura. Nesse sentido, é necessário repensarmos as relações entre a produção literária infantil e a formação da criança enquanto leitor.

Segundo Zilberman (2003), juntamente com a escola, a literatura infantil tem servido à multiplicação da norma vigente. Contudo, a obra literária também pode ser instrumento de denúncia do estado de coisas dadas. No momento em que, por exemplo, a obra literária reproduz o mundo dos adultos através da narração, da visão de mundo e da linguagem, poderá servir de meio para intervir na realidade imaginária da criança alertando-a e modificando sua percepção do mundo. No entanto, o que mais se percebe é a intenção moralizante que os textos possuem, tornando-se apenas manuais de boas condutas. Não é de se estranhar que as escolas tenham adotado esse tipo de literatura. “Porque nesse caso as forças se conjugam no projeto de doutrinar os meninos ou então seduzi-los com a imagem que a sociedade quer que assumam” (ZILBERMAN, 2003, p.24). A produção literária para a infância destinada a fins puramente pedagógicos e não estéticos cumpre uma função ideológica de manipular a imagem que a criança deve ter de si mesma e do mundo no qual vive.

Por outro lado, pode-se pensar em novas formas de relacionamento entre a escola e a literatura com a promoção de espaço para a criança refletir sobre sua própria condição existencial. Os fatores para tal mudança dependem de uma nova orientação da literatura infantil e dos que a produzem, sem excluir, nesse contexto, o próprio professor que também tem responsabilidade na formação das crianças através da literatura. A complexidade do processo está no fato de que a emancipação e a formação de leitores críticos implicam a emancipação e a liberação do adulto, do professor que também está inserido em um processo de dominação ideológica, visto que participa de um jogo complexo de relações de poder e dominação sobre o qual não possui controle.

Na busca de saídas a esse modelo de sujeição temos que repensar a

escola atual, sua função e sua relação com a literatura que não deve ser encarada com o intuito unicamente pedagógico. É a arte e não a didática ou a pedagogia que é capaz de romper as barreiras normativas impostas pela sociedade através da escola, modificando sua sensibilidade. Tal mudança de prioridades implica uma decisão por parte do professor que deveria valorizar a obra literária por sua qualidade estética. “Assim, os critérios que permitem o discernimento entre o bom e o mau texto para crianças não destoam daqueles que distinguem a qualidade de qualquer outra modalidade de criação literária” (ZILBERMAN, 2003, p. 26). A literatura esteticamente válida enquanto formadora do indivíduo é aquela que, entre outras coisas, apresenta-lhe o despertar para o mundo do qual o leitor faz parte, mas desconhece. O desvelamento da realidade através da obra provoca no leitor surpresa e espanto, incitando-o a manter uma relação com a literatura duradoura e permanente.

A criança é um indivíduo que se sensibiliza com a abertura de horizontes que o livro provoca. “O que a ficção lhe outorga é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial [...]” (ZILBERMAN, 2003, p.27). A literatura lhe proporciona experiência e alargamento dos horizontes de pensamento.

Não se trata de mostrar para as crianças livros com conteúdos que exponham novamente sua condição de inferior ou de moralidade a ser alcançada como correta. O que se revela na leitura de tais textos como contos de fadas, mitos e fábulas não é o aprendizado de uma certa mensagem de cunho educativo, mas simplesmente o ato de conviver, de partilhar e entrar no mundo criado pelo imaginário da criança; nisto consiste a riqueza da obra literária. Cabe ao professor mostrar os múltiplos sentidos, as perspectivas e interpretações que a leitura do livro pode oferecer, enfatizando e valorizando as interpretações pessoais que cada criança pode ter, além de estimular a leitura de modo a torná-la um hábito.

2- Desenvolvimento da proposta de trabalho

Para desenvolver o trabalho com a Literatura Infantil, escolhemos como estratégia a contação de histórias. Esta, conforme entendemos, oferece a possibilidade de promover, na criança, o gosto pela beleza da palavra, o deleite perante a criação de mundos de ficção e, ainda, a função

de arraigar as palavras no mundo mágico da criança, permitindo-lhe, não só entendê-las e usá-las, como também gozá-las e desfrutá-las no contexto da imaginação. A contação de histórias ainda cumpre um outro papel, o de transmitir a memória coletiva, a qual está impregnada de um caráter extremamente prático e fiel a uma sabedoria que se mantém atual através dos anos, porque é o resultado das mais variadas experiências de vida, com as quais as pessoas ainda se identificam. Essa transmissão não se dá de forma passiva, pelo contrário, a literatura popular só permanece porque se adapta e incorpora elementos do presente, especialmente aqueles que lhe são conferidos no exato momento em que se está contando uma história, consequência da ação do narrador sobre ela. A respeito da figura do narrador, Benjamin afirma:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. [...] pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). [...] O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da vida. (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Utilizamos-nos das reuniões organizacionais semanais relacionadas ao Projeto LUDIBUS para formular a estratégia de ação. O primeiro passo foi a escolha das histórias dentro do acervo de Literatura Infantil do ônibus, bem como a melhor técnica para contá-las. O Projeto possui um considerável acervo de livros de Literatura Infantil, de História da Arte e gibiteca. Desta forma, foi realizada uma pesquisa em nosso acervo a fim de escolhermos os livros de histórias a serem utilizados. Nas reuniões todos os participantes (coordenadora, bolsistas e voluntários) do Projeto opinavam a respeito das histórias a serem contadas e das atividades a serem oferecidas.

A equipe do LUDIBUS decidiu que seriam utilizados livros de autores brasileiros contemporâneos, livros de contos e histórias do cancionário popular que atravessaram gerações por meio, principalmente, da oralidade. Como já mencionamos as formas de contar as histórias também foram diversificadas. Algumas vezes, optamos por contar as histórias utilizando a memória como recurso. Em outros momentos, o contador utilizou-se da leitura do livro e de processos de dramatização. As narrações foram algumas vezes contínuas e outras permeadas por encenações de alguns trechos das histórias, sempre buscando a fruição e o bom entendimento por parte das

crianças.

A respeito da arte de contar histórias, Cléo Bussato (2003), nos diz que desde tempos imemoriais há a figura do contador, que transmite os costumes, a religiosidade, mitos e histórias, criados por ancestrais anônimos. Mas, quando nos sentimos impelidos a contar histórias, podemos ficar em dúvida em relação à forma de fazê-lo. Devemos ler o livro? Contar a história oralmente? E como contar uma história? Narrando ou interpretando? A autora nos dirá que ler uma história é diferente de contar, de narrá-la. A leitura geralmente exige que estejamos mais próximos do círculo de crianças, podem ser feitas pausas para o leitor responder às perguntas das crianças, a história deve ser toda lida e com uma boa impostação de voz, com ritmo e observância da literalidade do texto.

Já o narrador deve ter um roteiro básico da história na cabeça e contá-la tomando cuidado com o tom de voz, com o roteiro estabelecido para não haver devaneios, deve ter posturas que acolham o público e a história, permanecendo, de preferência, de pé, olhando para as pessoas, cativando-as, trazendo-as para o universo da história. E é importante lembrar que contar é diferente de dramatizar a história. O ator interpreta personagens, personifica tipos. Já o narrador fornece elementos mínimos para que o ouvinte construa o personagem, para que ele ganhe vida na imaginação do ouvinte. (Bussato, 2003)

Em nossas reuniões organizacionais, as várias histórias escolhidas eram lidas, contadas ou dramatizadas. Certos momentos das reuniões transformavam-se em oficinas de “Hora do conto”. O trabalho de experimentação da contação por parte dos integrantes da equipe nos momentos de reuniões foi extremamente importante para que o grupo pudesse sentir as delícias, agruras e dificuldades das atividades que seriam realizadas com as crianças. A partir da escolha das histórias, das formas de contá-las e do processo de experimentação prévia das atividades a serem desenvolvidas, a equipe oferecia as atividades nas escolas parceiras.

No ambiente escolar, com as crianças, uma vez finalizada a contação, iniciava-se uma roda de conversa sobre a história. Com base no que havia sido narrado, as crianças eram estimuladas a traçar paralelos com a realidade concreta em que viviam. Os resultados das discussões foram registrados por meio de desenhos ou apresentados em forma de jogos teatrais (cenas curtas elaboradas pelas próprias crianças).

E assim, nos anos de 2007 e 2008 choveram histórias... Histórias contadas, histórias lidas, histórias cantadas, histórias encenadas e encantadas, saídas de baús e malas coloridas. Algumas delas foram: “*Lolo Barnabé*”, de Eva Furnari; “Bom dia todas as cores”, “*Romeu e Julieta*” e “*O reizinho mandão*”, de Ruth Rocha; “*A cordeirinha e o lobo*”, adaptação livre de um conto popular; “*A coca*”, conto popular português; *A lenda do conde Drácula*, adaptação livre da obra de Bram Stoker; “*A casinha na floresta*” dos irmãos Grimm e muitas outras.

O livro escolhido para abrir a participação do Ludibus no ano letivo de 2007 foi *Romeu e Julieta* de Ruth Rocha e a forma de apresentá-lo foi a leitura integral do texto e encenação feita com personagens construídos com materiais diversos (papel de seda e EVA), que saíam de uma mágica mala de histórias. O público formado pelos alunos das primeiras séries do Fundamental da EMEF Nivando Mariano dos Santos, tanto no período matutino quanto no vespertino, teve a possibilidade de conhecer e se divertir no Ludibus que estava estacionado na quadra da escola, local em que também aconteceu a contação da história.

Durante todo o ano de 2007 o trabalho realizado pela equipe do LUDIBUS ocorreu na EMEF “Nivando Mariano”. No ano de 2008 as histórias já selecionadas para o trabalho na EMEF Nivando e outras escolhidas pela nossa equipe foram lidas, dramatizadas e contadas nas três instituições de ensino com as quais firmamos parcerias: a EMFEI (Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil) “Chico Xavier”, a EMEI “Sítio do Pica Pau Amarelo” e o SEAMA (Serviço de Atendimento ao Menor Adolescente) - Casa do Pequeno Cidadão II. O diferencial no ano de 2008 foi que desenvolvemos um trabalho semanal no SEAMA - Casa do Pequeno Cidadão II, com crianças do Ensino Fundamental, séries iniciais, durante o primeiro semestre do ano, acrescentando ao trabalho de contação a musicalidade (cantigas de roda, cantigas do cancionero popular) e muitos jogos e atividades lúdicas. Na EMFEI Chico Xavier foram priorizadas histórias de Ruth Rocha, pois a escola estava trabalhando literariamente com a autora e na EMEI “Sítio do Pica Pau” selecionamos histórias e contos de fadas, mais apropriados às crianças pequenas. O trabalho nestas duas escolas ocorreu no segundo semestre e a equipe as visitava quinzenalmente.

Neste texto apresentaremos alguns momentos e atividades selecionados entre tantos que poderiam aqui figurar, mas que por uma questão de espaço há a necessidade de estabelecermos recortes em relação ao trabalho desenvolvido. Apresentaremos mais detidamente duas histórias que suscitaram muita discussão e fomentaram críticas a algumas situações da contemporaneidade, levando as crianças a refletirem acerca de sua realidade e de suas visões de mundo. Uma das histórias é “A cordeirinha e o lobo”. Neste conto popular, adaptado por uma companhia teatral da cidade de Mococa- SP, há duas personagens principais: uma cordeirinha que todos os dias ia beber água num rio e um lobo que, num belo dia, sentiu-se dono do rio. Conta a história que o fato narrado ocorreu num tempo diferente, em que os animais falavam. Num dia de sol, a cordeirinha, como de costume, vai até o rio beber água. O lobo diz a ela que o rio é dele e que ela está sujando as suas águas. A cordeirinha contesta o lobo, dizendo que ela está bebendo a água da correnteza abaixo de onde o lobo está. O lobo, enfurecido com a argumentação da cordeirinha, a devora sem piedade. Depois disso, todos os animais emudecem.

A outra história a ser destacada é a de Ruth Rocha, “Bom dia todas as cores”. Esta é a história de um camaleão muito bonzinho e camarada, que vive mudando de cor para agradar aos animais da floresta, seus amigos. De tanto mudar de cor para agradar aos outros, o camaleão chega à conclusão de que ele nunca agradará a todos. Resultado: quem não é capaz de agradar a si mesmo, não pode agradar a ninguém. Estas e tantas outras histórias suscitaram discussões muito interessantes e temas importantes e atuais foram abordados nos momentos de rodas de conversa com diversas turmas de crianças.

3- Resultados do trabalho realizado

No decorrer de nosso trabalho, deparamo-nos com situações em que as histórias fomentaram entre as crianças relatos sobre a violência que os mais fortes impõem sobre os mais fracos para conseguirem vantagens. Algumas vezes os diálogos começaram de modo singelo e foram ganhando força até o ponto de surgirem relatos contundentes sobre apelidos colocados, sobre uma vizinha fofoqueira que foi esfaqueada; outros, sobre jovens assassinados em brigas, agressões realizadas por cachorros de grande porte, etc. A história “A cordeirinha e o lobo”, já apresentada neste

texto, foi a que mais suscitou este tipo de diálogo. As crianças falaram a respeito da violência e da coerção, apresentando muitas histórias interessantes relacionadas ao seu mundo, ao seu entorno. No dia 11 de setembro de 2007, na EMEF “Nivando Mariano”, esta história foi contada para duas turmas das terceiras séries. Foi realizada uma roda de conversa antes e após a história ser contada e houve a proposição de criação de histórias coletivas a partir do tema geral da história.

Surgiram diálogos relacionados à violência do adulto contra a criança em ambientes domésticos e nas ruas, à violência das crianças contra outras crianças nas escolas. Colocar apelidos pejorativos nos colegas, coagir, utilizar violência física: estas são coisas consideradas muito negativas pela maioria das crianças. Ao tecer um paralelo com a história da “Cordeirinha e do Lobo”, a maioria das crianças considerou atroz a atitude do lobo e a atitude daqueles que tentam vencer as contendas cotidianas pela força. Chamou-nos a atenção, no entanto, um garoto em especial pelo fato de que no momento em que perguntamos a respeito de qual a melhor forma de resolução de conflitos, sua resposta ter sido esta: *“Num tem essa de sê bonzinho, não! Tem que dar logo um tiro na cara.”*

Podemos nos perguntar: quais as vivências desse garoto? O que ele costuma presenciar em sua rua, em seu bairro, em sua casa? Teria ouvido esta frase de garotos maiores e tentava parecer “valente” perante os outros? E os outros garotos de sua turma? Pensariam também dessa forma e deram outra resposta, aquela que aparentemente os professores gostariam de ouvir? Como elaborar um trabalho de educação para a “não violência”? Acreditamos que tratar a respeito do assunto por meio da literatura infantil pode ser um primeiro passo para que as crianças falem mais de seu mundo, de seus medos e anseios, para que os docentes possam conhecer melhor cada um de seus alunos e desenvolver um trabalho com base na cotidianidade dos mesmos.

Também em relação aos anseios e desejos infantis, muita coisa foi discutida e trabalhada, em momentos em que as crianças se projetaram, a partir das histórias contadas, para mundos encantados, onde puderam imaginar a casa em que gostariam de morar, as roupas que gostariam de usar e as pessoas com quem compartilhariam deste mundo. Percebemos grande influência da mídia permeando o imaginário infantil, homogeneizando

gostos e criando necessidades de consumo.

Além destes temas, foram discutidos vários outros. A história “Bom dia todas as cores”, de Ruth Rocha auxiliou, no ano de 2008, crianças da educação infantil e do ensino fundamental a discutirem a respeito de seus valores e do quanto é importante agradar aos outros. Houve por parte dos alunos a conclusão de que não se pode agradar a todos durante todo o tempo: corre-se o risco de ser como o Camaleão da história, que muda de cor, de opinião, não apresenta seus gostos e não fala sobre sua maneira de ser, anulando-se. Tudo para agradar a seus amigos. As crianças concluíram que, às vezes, nossas ações desagradarão as pessoas, mas é preciso que respeitemos nossa maneira de ser e de encarar a vida, se não nos tornamos “Maria vai com as outras”, como disse uma criança.

Discussões relacionadas ao consumismo, aos gostos infantis, à magia e ao fascínio que algumas histórias suscitam, mescladas a dramatizações, desenhos, criação de novas histórias: tudo isso ocorreu ao longo do trabalho desenvolvido pela equipe do projeto LUDIBUS nos anos de 2007 e 2008. Por meio das histórias e contos, as crianças puderam se identificar com diversas personagens. Mundos mágicos, belos, assustadores, cruéis, ternos e fantásticos foram apresentados às crianças por meio das diversas formas de contar as histórias selecionadas. O LUDIBUS se transformou em brinquedo, em cenário, em palco. Nele, abriram-se cortinas, baús de histórias e belos e ilustrados livros apareceram aos olhos das crianças. Estas puderam ler, manusear e degustar histórias. Crianças, professores das escolas públicas e graduandos dos cursos da UNESP puderam constatar que o lúdico, que a magia presente na arte podem fazer parte do processo de educação formal, contribuindo eficazmente para o desenvolvimento infantil.

Conclusão

O trabalho que desenvolvemos contrapõe-se ao reino das coisas dadas que por meio da ideologia dominante e do domínio técnico destila sedução, manipulando emoções e inculcando comportamentos estereotipados. Deste modo, quando promovemos atividades num ambiente de liberdade e cooperação, quando estabelecemos junto às crianças um diálogo crítico sobre aspectos sociais que envolvem as relações de classes e

poder, lançamos as sementes da rebeldia e da resistência contra o endurecimento e a alienação.

Ao ouvir e contar histórias, as crianças passaram a demonstrar interesse por livros de literatura infantil e a entender melhor o mundo à sua volta. Ouvir e contar histórias passou a fazer parte tanto da realidade dos alunos como da realidade dos profissionais envolvidos no projeto (professores, estagiários, etc). Percebemos que fruindo as histórias as crianças conseguiram criar mundos mágicos nos quais suas idiossincrasias foram e vão sendo tecidas. Desta forma, pudemos observar as crianças descobrindo o gosto pela beleza das palavras passando a entendê-las e a usá-las em suas criações.

Não obstante a isso, os encontros e as atividades desenvolvidas pela equipe do Ludibus também contribuíram em grande escala para nos atestar empiricamente que a contação de histórias é um exercício de imersão na vida, na do ouvinte e na das personagens e um encontro com a possibilidade, com o imaginário e o desafio de, em todo tempo e em todas as circunstâncias, ter o apreciador a ilusão do final feliz ou daquela tristeza gostosa que se desenlaça num abraço de gente querida. Para Abramovich (1989), ouvir muitas histórias é fundamental para a formação de qualquer criança, pois além de se configurar no início da aprendizagem as histórias também propiciam um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão da vida. E acrescentamos que de forma prazerosa e lúdica, a criança passa a valorizar a literatura infantil, formando o gosto pela leitura. A esse respeito cabe ressaltar que o elemento lúdico permeou todo o trabalho desenvolvido pela equipe do Projeto LUDIBUS e deu o tom das atividades propostas às crianças. Sorrisos, brincadeiras, olhares atentos, concentrados, assustados, extasiados nos mostraram que a literatura infantil pode ser trabalhada por meio do lúdico, da magia da contação de histórias, mesclando-se a brincadeiras e jogos infantis.

Referências

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gosturas e bobices*. São Paulo: Ática, 1989.

BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.

In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BUSSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

ROCHA, Ruth. *Bom dia, todas as cores*. São Paulo: Quinteto, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11° ed. São Paulo: Global, 2003.